

O legado russo na pesquisa em Linguística Aplicada: a Teoria da Atividade

*Claudia Rebello dos Santos
Bruna Scheiner Gomes Pimenta
Lília Aparecida Costa Gonçalves*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo realçar as contribuições dos russos Vygotsky, Leontiev e Davydov para os estudos da linguagem, em especial, para a Teoria da Atividade (TA). Para isso, traçamos um panorama histórico, apresentando as origens e as gerações da TA. Em seguida, indicamos pesquisas recentes desenvolvidas em contextos mediados por tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) que utilizaram a Teoria da Atividade como arcabouço metodológico para análise de dados.

Palavras-chaves: Teoria da Atividade. Aprendizagem de línguas. TDICs. História da TA. Metodologia de pesquisa.

Russian legacy in Applied Linguistics: Activity Theory

ABSTRACT

This paper aims at highlighting contributions to Language Studies from the Russians: Vygotsky's, Leontiev's, and Davydov's, specially Activity Theory (AT). Thus, we present a brief historical overview of AT, focusing on its origins and generations. Next, we present recent researches carried out in contexts mediated by digital technology of information and communication (DTIC) which used Activity Theory as method for data analysis.

Keywords: Activity Theory. Language Learning. DTICs. TA history. Methodology.

1 INTRODUÇÃO

A iniciativa de fazer nesta revista um dossiê para ressaltar o legado de pesquisadores, autores e poetas russos na área de Letras e seus campos de pesquisa é extremamente louvável, dada a grande variedade, relevância e abrangência de suas contribuições. São os diálogos entre russos e brasileiros que vêm trazendo mais foco no social e contribuindo para o surgimento de novos olhares para linguagem e contexto. Numa coletânea como esta, não poderia faltar um destaque a uma teoria que surgiu na Psicologia e vem marcando presença em pesquisas de cunho etnográfico em Linguística Aplicada e Educação: a Teoria da Atividade (TA).

A Teoria da Atividade é uma abordagem de pesquisa desenvolvida por pesquisadores na Rússia que busca a relação sócio-histórico-cultural de sujeitos e seus objetos e instrumentos em seus contextos e grupos de atuação. A TA foi desenvolvida a partir de estudos de Vygotsky, Leontiev, Davydov, entre outros pesquisadores nas áreas de Psicologia e Educação. Mais recentemente, com visões de Engeström, a TA tem se difundido ainda mais no campo da aprendizagem.

O objetivo central do presente artigo é destacar a contribuição dos russos citados na transformação da concepção de linguagem e no desenvolvimento de desdobramentos de seus estudos, dando destaque especial à TA. Inicialmente, traçamos um breve panorama histórico da Teoria da Atividade, apresentando suas bases e seus precursores. Em seguida, abordamos o papel que a teoria vem exercendo em pesquisas em Linguística Aplicada, com ênfase em estudos sobre uso de Tecnologias Digitais de Interação e Comunicação (TDICs). Em um terceiro momento, apresentamos uma breve descrição de pesquisas em Linguística Aplicada que usam a TA para investigar o uso de TDICs em contextos educacionais e para buscar a transformação desses contextos e a prática das comunidades onde estão inseridas.

Dessa forma, pretendemos dar nossa contribuição na reflexão sobre a importância do legado de pesquisadores russos na compreensão mais ampla dos nossos contextos de pesquisa em Linguística Aplicada e Educação, principalmente quanto ao uso de novos instrumentos tecnológicos e seus impactos para uma prática realmente crítica, abrangente e transformadora.

2 BREVE HISTÓRICO DA TEORIA DA ATIVIDADE (TA)

Para compreender a Teoria da Atividade e sua relevância para pesquisas de cunho etnográfico para descrever contextos e participantes e suas relações entre si, os instrumentos e comunidade, é importante conhecer como a teoria teve seu início com pesquisadores russos e as contribuições que outros pesquisadores vêm trazendo para a teoria nos últimos anos. A seguir apresentamos as origens da TA e suas gerações.

2.1 Origens da Teoria da Atividade

A Teoria da Atividade (TA), baseada no trabalho de Vygotsky e na filosofia de Marx e Engels, surgiu nas décadas de 20 e 30, fundada por um grupo de psicólogos russos, dentre eles Vygotsky, Leontiev e Luria. Tais estudiosos não estavam satisfeitos com a psicologia soviética que estava sendo desenvolvida, postulada em conceitos behavioristas. Vygotsky expande a teoria behaviorista ao cunhar o conceito de instrumento de mediação. O autor estava preocupado em entender a relação entre consciência e atividade. (RUSSEL, 2002).

A base filosófica de Vygotsky estava em Marx. A filosofia marxista foi importante para Vygotsky, pois permitiu que ele teorizasse acerca dos processos mentais e do uso de instrumentos e do trabalho. Considerando o materialismo histórico dialético de Marx, Vygotsky entendeu que, mesmo que individual, a consciência é construída nas relações sociais mediadas por artefatos. (SCHETTINI, 2009).

A ideia de existência de artefatos mediando a atividade quebra a oposição entre estrutura social e indivíduo. Vygotsky interpreta a linha de pensamento marxista relacionando-a às questões psicológicas. Tal linha de pensamento é construída com base nos modos de produção da vida material, os quais condicionariam a vida do homem nas esferas social, espiritual e política, respectivamente. Para Marx, a história não é separada do homem em sua concepção, ao contrário, as relações e interações com o mundo social o constituem. Essas relações estão “em constante processo de mudança, e a sociedade humana, que é uma totalidade desse processo do homem, está, igualmente, em constante transformação”. (SCHETTINI, 2009, p. 11).

O conceito marxista de trabalho deu embasamento à TA. Para Marx, a condição da existência humana está atrelada à atividade de trabalho. Para esse filósofo, o trabalho transforma a sociedade e os indivíduos e vice-versa. Assim, os indivíduos buscam a construção e a transformação de sua condição na sociedade. (SCHETTINI, 2009).

Segundo Marx, o trabalho é caracterizado

através de dois elementos essenciais: o instrumento e a atividade coletiva. O homem entra em contato com outros homens através dessas atividades, que são mediadas por instrumentos. O trabalho humano é uma atividade social cooperativa, com funções divididas entre os indivíduos e com relações mantidas através da comunicação entre os sujeitos da atividade. (SCHETTINI, 2009, p. 221).

A visão materialista dialética de Marx entende que a atividade é orientada para um fim e acontece no contexto social. Para a TA, a atividade humana não acontece de forma isolada, mas em uma rede de atividades marcadas pelas relações sócio-histórico-culturais.

Essa perspectiva sobre atividade e consciência, adotada pela TA, apresenta outro ponto de vista para as visões idealista e mentalista do conhecimento humano, que postulam que a aprendizagem deve preceder a atividade. Para a TA, a aprendizagem consciente surge da e na atividade e não antes dessa. (TAVARES, 2004).

Para os teóricos da atividade, a consciência está além de atos cognitivos isolados. A consciência está localizada na prática do dia a dia: você é o que você faz, envolvido na matriz social (incluindo pessoas e artefatos), da qual você é uma parte orgânica. (TAVARES, 2004).

Diante do exposto, conclui-se que a fonte científica para as pesquisas de Vygotsky estava na filosofia marxista, que influenciou o surgimento e desenvolvimento da TA ao explicitar conceitos como o social e a divisão do trabalho.

2.2 As gerações da Teoria da Atividade

Na época em que viveu Vygotsky, tentava-se explicar os processos mentais por meio de testes e teorias empíricas e o funcionamento da mente com explicações fisiológicas. Assim caracterizava-se a Psicologia Behaviorista, que reduzia as atividades humanas ao binômio estímulo-resposta. Em oposição a tal linha da psicologia, Vygotsky atribui ao contexto social uma grande importância para o entendimento de fenômenos psicológicos humanos. (HAWI, 2005).

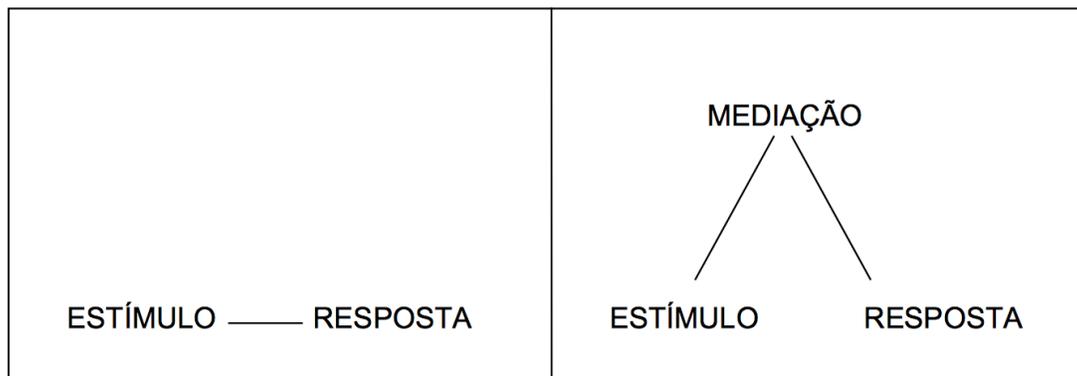
O aprendizado, para Vygotsky, é um processo de apropriação de habilidades e conhecimentos que acontece na interação com o contexto e outros indivíduos. Segundo esse autor, a mediação das atividades acontece não somente por ferramentas materiais, mas simbólicas também. Nesse último grupo, encontra-se a linguagem. Vygotsky

baseia a teoria dos fenômenos psíquicos na importância da linguagem e seu papel constituidor do sujeito, dando-lhe uma função social e comunicativa na qual o sujeito entra em contato com conhecimentos e adquire novos conceitos sobre o mundo. (SCHETTINI, 2009, p. 224).

Apresentando o conceito de mediação, Vygotsky (1978) expande a teoria behaviorista. Para ele, o ser humano não reage de forma direta ao ambiente, mas de maneira mediada por artefatos culturais. A ideia de mediação está baseada na teoria marxista de produção, na qual o trabalho resulta no desenvolvimento humano. A atividade do trabalho ocorre na relação homem-natureza. O homem age sobre a natureza transformando-a e, para que isso ocorra, o homem cria instrumentos para realizar a atividade. Assim, as ferramentas mediadoras modificam o objeto e, ao mesmo tempo, modificam quem as usa. Logo, o homem transforma o objeto e é também transformado nessa relação. (HAWI, 2005).

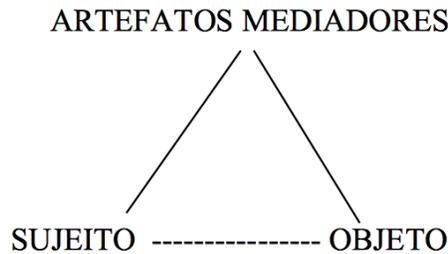
A relação sujeito e objeto, que antes era representada de maneira direta, passa a apresentar em sua representação a mediação de artefatos culturais conforme a figura a seguir:

Figura 1 - Mudança do processo simples de estímulo-resposta para a mediação proposta por Vygotsky.



Com o desenvolvimento da TA, a proposta de modelo inicial de Vygotsky é modificada. Os termos *estímulo* e *resposta* são substituídos por *sujeito* (S) e *objeto* (O), respectivamente. (RUSSEL, 2002). Tem-se, então a seguinte representação:

Figura 2 - Reformulação do modelo de mediação de Vygotsky pela teoria da atividade.



O conceito de mediação, até hoje um dos conceitos da TA, representa a contribuição da primeira geração de TA. A limitação dessa geração foi o foco no indivíduo. A segunda geração foi inspirada no trabalho de Leontiev e buscou superar a limitação da primeira geração ao destacar a importância de entender as ações inseridas no contexto de atividade coletiva. (TAVARES, 2004).

Leontiev considerou incompleto o triângulo apresentado por Vygotsky, já que não considerava a atividade coletiva e a natureza social e colaborativa das ações. Assim sendo, para ele, o motivo intrínseco à ação também não era considerado. Segundo Engeström (1987), é possível existir “atividade de um indivíduo”, mas não “atividade individual”, pois a atividade é coletiva, enquanto a operação e a ação são individuais.

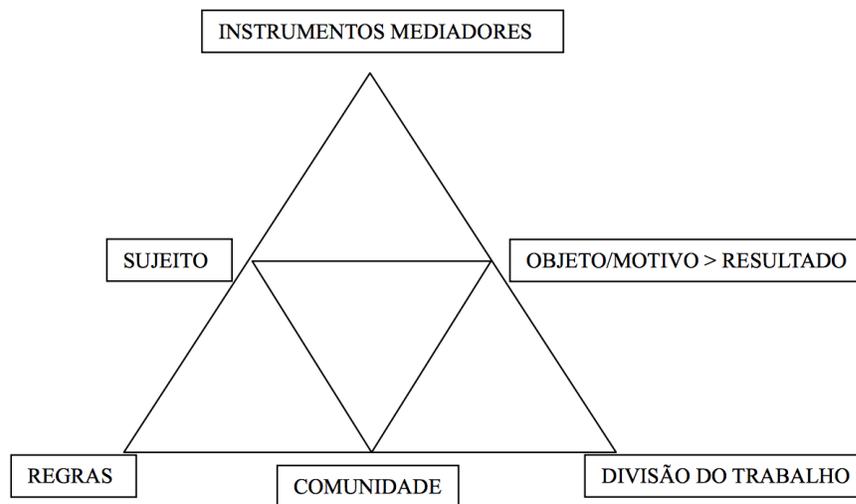
Leontiev faz distinção entre esses três conceitos – atividade coletiva, atividade individual e operação – e propõe três níveis de estruturas hierárquicas da atividade, sendo elas: atividade, ação e operação. A atividade está relacionada às necessidades humanas e é orientada para um objeto. O objeto, segundo Leontiev, refere-se ao motivo da atividade e é o que diferencia uma atividade da outra. Sendo assim, o objeto não é fixo, podendo mudar durante a atividade. De acordo com Engeström (1987), em geral, os indivíduos participam da atividade sem saber seu objeto e motivo.

As ações – segundo nível na hierarquia – são as formas pelas quais a atividade acontece. É possível realizar uma atividade por meio de diferentes ações. Essas, por sua vez, são ligadas a metas conscientes. Por outro lado, as operações – nível inferior das hierarquias – não exigem o mesmo nível de consciência. Elas são comportamentos rotineiros automáticos; não há esforço consciente para realizá-las. Para ilustrar esses conceitos, basta imaginar a seguinte situação: um indivíduo quer aprender a dirigir. Aprender a dirigir é uma atividade que se realiza por meio de

ações, sendo uma delas a mudança de marcha. Contudo, com o passar do tempo e com a experiência adquirida pelo condutor, essa mudança de marcha se torna um comportamento mecânico, automático, transformando-se em uma ação.

É importante destacar que Leontiev não expandiu graficamente o triângulo de mediação de Vygotsky, mas ofereceu fundamento para Engeström (1987) fazê-lo, acrescentando os seguintes elementos: comunidade, regras e divisão do trabalho, conforme mostra a figura a seguir.

Figura 3 - Modelo da teoria de atividade da segunda geração por Engeström (1987).



Fonte: Engeström (1987).

De acordo com Russel (2002), o sujeito é um indivíduo ou um grupo engajado na atividade. O autor lembra, ainda, que cada sujeito participa de outros sistemas de atividades. É preciso definir a atividade primeiro para depois pensar nos sujeitos.

O objeto pode ser o objeto de estudo de alguma disciplina ou o objeto do processo de produção. O motivo é o propósito da atividade. Já que os sujeitos trazem motivos diferentes para a atividade, aqueles podem ser contestados. Já as ferramentas são os instrumentos utilizados para se chegar a um resultado, que pode ser previsto ou não, mediando as relações humanas. O uso das ferramentas pode ser mudado com o tempo, conforme os participantes criam outros modos de trabalharem juntos. Segundo Tavares (2004, p. 61),

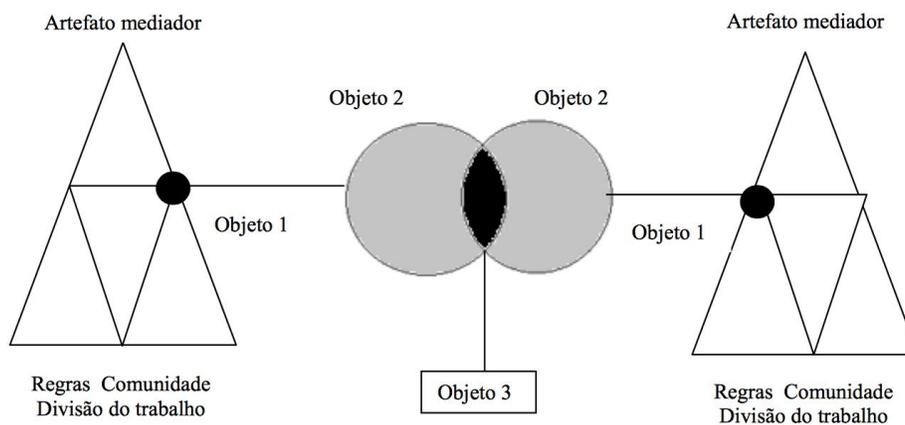
ferramentas normalmente refletem as experiências de outras pessoas que tentaram resolver problemas similares anteriormente e criaram ou modificaram a ferramenta para torná-la mais eficiente. Esta experiência se reflete tanto nas características estruturais das ferramentas (formato, material etc.) quanto no conhecimento sobre como usá-las. (TAVARES, 2004, p. 61).

A capacidade distintiva do homem está em criar novas ferramentas e, assim, modificar a atividade da qual participa e a si mesmo. No que diz respeito à comunidade, ela representa as pessoas que compartilham o mesmo objeto.

A divisão do trabalho define como os sujeitos agirão sobre o objeto, incluindo a divisão de tarefas entre os membros da comunidade. Por fim, as regras são medidas em padrões que regulam a comunidade, garantindo a estabilidade temporária do sistema. (RUSSEL, 2002). Em suma, a segunda geração contribui com a TA na medida em que desloca o olhar para as inter-relações sujeito-comunidade, expandindo a unidade de análise para a prática coletiva.

A terceira geração de TA, conforme a figura 4 evidencia, concentra-se em redes de sistema de atividades. Engeström (1999) acredita que os sistemas de atividades interagem, sendo preciso, para entender tal interação, o desenvolvimento de ferramentas conceituais que permitam o entendimento das diversas vozes e visões dentro de cada sistema e entre eles. Os sistemas não precisam estar obrigatoriamente em harmonia, podendo exibir contradições e tensões.

Figura 4 - Modelo da teoria de atividade da terceira geração.



Fonte: Engeström (1999).

Os triângulos que representam as gerações de TA devem ser entendidos à luz da multidimensionalidade e multitemporalidade e não como figuras estáticas, já que são tentativas de representar a mediação e as relações possíveis no sistema de atividades. (MATEUS, 2005).

Antes de tratar dos princípios básicos da TA, faz-se necessário entender as três características da atividade. De acordo com Engeström (1999), três características determinam a atividade. A primeira delas é a compreensão histórica da prática dos sujeitos e objetos, bem como da comunidade, no que diz respeito à organização social. Em seguida, o autor apresenta o pensamento e o conhecimento como processos dialéticos. Por fim, a terceira característica refere-se a mudanças nas práticas humanas. Tais características justificam a escolha de alguns grupos de pesquisa (LIBERALLI, 2006) por referir-se à TA como Teoria da Atividade sócio-histórico-cultural. (TASHC).

Para o conceito de atividade, Engeström (1999) oferece cinco princípios básicos. No primeiro deles, apresenta-se o sistema de atividades coletivo, que é mediado e orientado pelos objetos. As relações de rede entre sistemas são consideradas pela TA unidades de análise. Vale pontuar que, para que essas relações sejam entendidas, deve-se considerar o sistema e suas eventuais mudanças como um todo.

O segundo princípio é a multivocalidade, que representa a importância das diversas vozes trazidas ao sistema. Há diversas visões, valores, histórias e interesses dentro do sistema. Além disso, o sistema de atividades carrega sua própria história, que é revelada por meio das regras e instrumentos. O potencial da multivocalidade é expandido quando a rede de sistemas de atividade é considerada. (ENGESTRÖM, 1999).

Historicidade é o terceiro princípio. Com a transformação ocasionada pelo transcorrer do tempo, os sistemas de atividade só podem ser entendidos a partir de sua história. Tanto o objeto quanto a comunidade, por exemplo, contribuem com suas histórias para moldar a atividade. Esse princípio, assim como quarto e o quinto, está ligado à capacidade de mudança e transformação dos sistemas de atividade.

O penúltimo princípio trata das contradições como fontes geradoras de mudança. As tensões e os conflitos são importantes por gerarem uma modificação na atividade. Os conceitos de conflito e contradições serão mais bem detalhados na próxima seção, já que a presente pesquisa se interessa por eles.

O quinto princípio se pauta na possibilidade de transformações expansivas no sistema de atividade com a reelaboração do objeto ou motivo e a conseqüente expansão da atividade em si. De acordo com esse princípio, com o agravamento de algumas contradições, “participantes individuais começam a questionar e se afastar de suas normas estabelecidas, podendo evoluir, em certos casos, para um deliberado esforço coletivo de mudança”. (TAVARES, 2004, p. 69).

A base filosófica da Teoria da Atividade é marcada pela contribuição histórica dos russos nos estudos nas áreas de Psicologia e de Linguagem. Os conceitos de trabalho, aprendizagem, mediação e atividade, problematizados por Marx, Vygotsky e Leontiev, foram fundamentais para o desenvolvimento de uma teoria que serve de lente conceitual de análise para pesquisas em diversas áreas. A seguir, a partir das ideias trazidas por Kaptelinin e Nardi (2016), apresentaremos um desdobramento da Teoria da Atividade: a possibilidade de seu uso para compreender contextos mediados pela tecnologia.

3 TEORIA DA ATIVIDADE E ESTUDOS DE TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Em seu livro *Acting with Technology, Activity Theory and Interaction Design*, Kaptelinin e Nardi (2006) estabelecem a importância da Teoria da Atividade como sistema conceitual de análise para o uso de tecnologia de informação em seu contexto de prática humana. Os autores ressaltam a importância da TA, apresentando três pontos principais:

1. O impacto que a TA tem sobre design de interação;
2. O diálogo entre a TA e outras abordagens teóricas no campo de estudo de tecnologia;
3. O significado de TA.

Vale, primeiramente, lembrar que esses autores compreendem “Desenho de Interação” em uma forma mais ampla que envolve interação entre humanos e computador e trabalho colaborativo em comunidades mediado por computador. A interação ocorre de “formas diferentes em comunidades diferentes”. (KAPTELININ; NARDI, 2006, p. 5). Os autores justificam a importância do uso de TA para investigar e entender essas diferenças e o papel da tecnologia na atividade humana. Isso se dá pelo fato de que a TA busca entender a “unidade de consciência e atividade”.

E a teoria social da consciência humana, construindo consciência como o produto de interações de indivíduos com pessoas e artefactos no contexto da atividade cotidiana. Consciência é construída como a promulgação da nossa capacidade de atenção, intenção, memória, aprendizagem, raciocínio, discurso, reflexão e imaginação. É através do exercício dessas capacidades nas atividades diárias que nós desenvolvemos; na verdade essa é a base de nossa própria existência. (KAPTELININ; NARDI, 2006, p. 8).

Tomemos alguns exemplos: primeiro, como uma criança aprende a jogar futebol. Em algumas culturas e grupos sociais, essas crianças que despertam a curiosidade para aprender a jogar futebol, podem aprender de um professor numa escolinha especializada, com professores de Educação Física na escola ou com colegas, vizinhos ou conhecidos. Em todos os casos, isoladas ou em conjunto, existem pessoas que mantêm as crianças motivadas para dominar as técnicas para jogar bem o esporte escolhido. As crianças usam a bola como artefato, obviamente; podem, porém, usar outros artefatos para dominarem o jogo. Podem usar cones para treinos, observar outros jogadores e, ainda, ler ou ouvir comentários técnicos sobre como jogam.

Talvez o exemplo de aprender a jogar futebol seja um pouco simplório; tomemos, então, um segundo exemplo, mais pertinente à nossa área de estudo: o de crianças aprendendo uma língua estrangeira. Vamos imaginar uma criança que tem contato com uma língua estrangeira no ensino fundamental de uma escola pública. No seu processo de aprendizagem, ela pode receber informação sobre a nova língua em sala, pelo seu professor, colegas de turma e outras pessoas. Pode fazer uso de material didático, dicionários ou até de outros recursos, como um aplicativo de tradução, como forma de facilitar sua aprendizagem.

Se usássemos a TA para investigar o processo de aprendizagem dessas crianças para jogar futebol ou aprender uma língua estrangeira cada vez melhor, levaríamos em conta todos os fatores que envolveram o processo como um todo. Teríamos o foco no ambiente onde essas crianças, instrutores e professores estão inseridos, que artefatos e processos foram usados, considerando todo o universo das crianças como sendo essencial para a sua aprendizagem. Muitas abordagens teriam uma visão parcial, focando no professor, na forma de treinamento ou nos problemas que as crianças enfrentam. Já com a TA como lente para investigação, o foco se amplia para pessoas e artefatos em seu meio social como base de análise.

Kaptelinin e Nardi (2006) destacam alguns princípios da TA que a tornam tão relevante para o estudo da atividade humana no uso de tecnologias. 1) a ênfase que a teoria dá à intencionalidade humana: as pessoas agem deliberadamente de formas diferentes com certas tecnologias, tornando-as agentes de suas ações; 2) assimetria entre pessoas e artefatos (ou de humanos e coisas, ou sujeitos e objetos): é importante teorizar a intenção, imaginação e reflexão como cerne do processo cognitivo humano; pessoas e artefatos não são a mesma coisa, pessoas agem com tecnologia, tecnologias são criadas e usadas no contexto de pessoas com intenções e desejos: essa relação é uma mediação; 3) a importância do desenvolvimento humano: a TA prioriza o desenvolvimento do indivíduo como um processo sociocultural a longo prazo para seu crescimento e mudança com tecnologia; e 4) a noção de cultura e sociedade como formadores da atividade humana: tal mudança ocorre num processo de internalização e externalização constante que torna indivíduos capazes de transformar cultura através de sua atividade. (KAPTELININ; NARDI, 2006, p. 11).

Resumindo em poucas palavras, os autores enfocam nos princípios de intencionalidade, assimetria e da TA como grande vantagem do uso da teoria como base tanto para estudo sobre a prática humana com tecnologia como no planejamento da interação mediada por ferramentas tecnológicas. Um estudo que segue a TA investiga um contexto de uso de tecnologia, por exemplo, focando nos seus sujeitos, a comunidade onde estão inseridos, objetos, instrumentos, regras, divisão de trabalho, assim como os conflitos e contradições sentidas e enfrentadas pelos sujeitos, indo além e investigando como reagiram para transformar essa situação.

A TA pode e tem sido usada como lente na investigação da prática humana em vários contextos profissionais e educacionais, e (por que não?) em contextos onde há uso de tecnologia, principalmente para aprendizagem; e sendo mais específico em aprendizagem de línguas estrangeiras também. Pesquisadores têm aplicado esse sistema conceitual de análise, seja para entender como se dá mediação de ferramentas, como o computador ou celular em contextos digitais, seja para entender o impacto do uso de tecnologia na formação de professores, por exemplo. Os contextos variam, assim como as formas de utilização desses instrumentos pelos sujeitos para buscar uma transformação pelo uso e para suas comunidades.

Na próxima seção apresentaremos exemplos de pesquisas que usam a TA para investigar e entender a ação humana e o uso de tecnologias, com destaque para Tecnologias

Digitais de Interação e Comunicação (TDIC). Cada pesquisa é apresentada com um pequeno resumo. Pretendemos, assim, ilustrar e enfatizar como a TA vem conquistando seu espaço na pesquisa acadêmica em Linguística Aplicada, já que nosso foco são pesquisas na área.

4 COLETÂNEA DE PESQUISAS QUE USARAM A TA EM CONTEXTO DE USO OU MEDIADOS POR TECNOLOGIA

Embora a TA tenha sua base na Psicologia, apresenta-se hoje como uma teoria de caráter multidisciplinar, sendo apreciada nas áreas de Antropologia, Educação, Filosofia, Linguística, Linguística Aplicada e Sociologia. De acordo com Daniels (2003), a TA vem sendo utilizada com a finalidade de analisar o desenvolvimento da mente humana em diferentes atividades sociais, evidenciando conflitos e contradições decorrentes de tais atividades.

As possibilidades de análise dos sistemas sociais produzidos em e por uma atividade nos despertam o interesse por investigar como essa metodologia vem sendo utilizada no Brasil. Assim, objetivou-se fazer um levantamento de estudos que utilizam a TA para observar contextos mediados pelas tecnologias da informação e comunicação.

O levantamento da produção acadêmica foi realizado em teses e dissertações defendidas no período de 2006 a 2015. Buscaram-se trabalhos cujos textos completos estavam disponíveis na Internet e apresentassem como descritores os termos “Teoria da Atividade”, “tecnologias”, “TDICs”, “educação a distância”. A busca foi realizada em bibliotecas digitais de teses e dissertações das seguintes universidades: Banco de Teses LAEL/PUC-SP¹; Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística Aplicada da UCPel²; Banco de teses e dissertações do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ³. Um total de oito pesquisas foi encontrado, sendo três teses e cinco dissertações.

A pesquisa desenvolvida por Lima (2015), intitulada “Parcerias digitais e a formação do professor de Língua Portuguesa: um estudo à luz da Teoria da Atividade”, buscou compreender como uma professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental aprende a usar a tecnologia em seu contexto de ensino, ao mesmo tempo em que participa do

¹ http://www.pucsp.br/pos/lael/laelinf/def_teses.html.

² <http://pos.ucpel.edu.br/dissertacoes-ppgl/>.

³ <http://www.letras.ufrj.br/linguisticaaplicada>.

planejamento, implementação e avaliação de projetos de natureza interdisciplinar com o uso de recursos tecnológicos.

A TA foi utilizada para compreender a atuação e a formação docente para uso das TDICs. Segundo a pesquisadora, a TA permite focalizar aspectos sociais, culturais e históricos desses processos, e não somente ações individuais da professora.

Lopes (2014) investigou a utilização de *tablets* por professores como instrumento de trabalho em suas aulas. No âmbito da pesquisa, a TA foi utilizada para dar subsídio à fundamentação teórica do estudo. Segundo o autor, a finalidade de se trabalhar com o conceito de atividade é a de que, por meio do desenvolvimento coletivo, exista um efeito antialienante que se desenvolva pela práxis em um sentido criativo.

Pimenta (2013), em sua dissertação intitulada “Reconstrução da prática pedagógica em uma disciplina semipresencial: uma pesquisa-ação à luz da Teoria da Atividade”, investigou o desenvolvimento de uma disciplina semipresencial à luz da Teoria da Atividade. A pesquisa buscou identificar conflitos ou contradições que pudessem representar oportunidades de mudança e reconstrução na prática pedagógica da professora-pesquisadora. Segundo a autora, a TA foi utilizada como sistema conceitual de análise de dados que possibilitou o reconhecimento de conflitos ou contradições e a reflexão sobre eles aponta para a importância da pesquisa sobre o próprio fazer docente, a fim de trazer contribuições sobre a atuação do professor em sala de aula.

Viter (2013), em sua pesquisa de mestrado, teve como foco investigar os diferentes tipos de interação (aluno-aluno, aluno-professor e aluno-conteúdo) ocorridos no ambiente on-line integrante de uma disciplina de graduação. A pesquisadora também analisou o engajamento dos alunos nessas interações.

A autora apresenta o conceito de engajamento sob a perspectiva da Teoria da Atividade. Segundo ela, citando Spence-Brown (2007), a TA reconhece o engajamento como sendo socialmente construído e, ao mesmo tempo, determinado pela história pessoal do indivíduo, aspectos que podem manter-se estáveis ou mostrar-se bastante suscetíveis a mudança ao longo do processo da atividade. Com a finalidade de identificar contradições relacionadas ao engajamento dos estudantes nas interações on-line investigadas, Viter (2013) também utilizou a TA para descrever o contexto da pesquisa, relacionando-o aos componentes de um sistema de atividade.

Em sua pesquisa, Garcia (2011) elaborou um objeto de aprendizagem (OAs) para ser utilizado em sua sala de aula com uma turma de ensino fundamental da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), a fim de analisar o processo de ensino e aprendizagem mediado por OAs. De acordo com a pesquisadora, o uso da Teoria da Atividade possibilitou uma visão mais ampla de aspectos relacionados a cenários de atividade social prática. Além disso, ainda segundo Garcia (2011), com a TA é possível analisar a atividade de aprendizagem, delimitar a estrutura de seus componentes principais e as relações funcionais estabelecidas entre eles, assim como mudanças ocorridas na zona de desenvolvimento proximal (ZDP).

Heemann (2010) investigou o processo de formação de uma comunidade virtual de aprendizagem a fim de identificar fatores que contribuem, por meio das interações, ou limitam, por meio das contradições, a constituição dessa comunidade em um contexto educacional on-line. O contexto utilizado para a pesquisa foi a disciplina de Português Redacional Básico (PRB), oferecida na modalidade semipresencial pela Universidade Católica de Pelotas (RS).

Segundo a autora, na pesquisa realizada a produção textual é vista como parte integrante de um sistema cuja atividade é a Produção de Texto Acadêmico On-line na disciplina de Português Redacional Básico, sendo analisado com os alunos e professores que fazem parte dessa prática social, observando como as ferramentas nesse sistema são usadas para mediar o objeto/motivo da atividade e como as interações e as contradições podem contribuir ou dificultar a formação de uma comunidade virtual de aprendizagem.

Para Heemann (2010), a Teoria da Atividade, como ferramenta descritiva, possibilita compreender a tecnologia como parte de um objetivo maior das atividades humanas, afastando a visão tecnocêntrica de ter o computador como foco de interesse. Com isso, a TA auxilia na descrição das relações entre os sujeitos e entre as ferramentas que eles utilizam para interagir, evidenciando fatores que contribuem ou restringem a formação de uma comunidade virtual de aprendizagem.

Santos (2009), por sua vez, em sua pesquisa “As novas tecnologias em projetos interdisciplinares na escola pública - um estudo à luz da Teoria da Atividade”, investigou como professores conduzem projetos interdisciplinares com o uso de tecnologias da informação e da comunicação. Na visão da pesquisadora, o olhar holístico da TA possibilita considerar o contexto de investigação como uma rede de sistemas de atividade que têm como elemento comum o uso de tecnologias. Assim, cada projeto interdisciplinar é entendido como um

sistema de atividade que funciona como instrumento mediador de um sistema mais amplo – o processo educacional.

Costa (2006) apresenta pesquisa sobre o processo de aprendizado de duas professoras de língua estrangeira para utilizar a internet como complemento de seus cursos presenciais. Neste estudo, a TA foi utilizada na análise de dados por possibilitar a análise da atividade coletiva e suas relações com outros sistemas de atividades.

O uso da TA na análise dos componentes do sistema de atividade central possibilitou compreender de que forma ocorreu o processo de aprendizagem das professoras e as mudanças ocorridas ao longo da atividade, o que as professoras aprenderam sobre o trabalho desenvolvido por elas e como esse aprendizado ocorreu. Além disso, a pesquisa também investigou os principais conflitos e mudanças envolvidos na aprendizagem da integração de tecnologia na aula de língua estrangeira.

O quadro a seguir apresenta algumas das pesquisas que usam a TA para analisar investigações sobre uso de tecnologia e ensino-aprendizagem de línguas.

Quadro 1 – Pesquisas que usam a TA.

Autor	Título da Pesquisa	Programa e Instituição	Nível	Ano
Simone da Costa Lima	Parcerias digitais e a formação do professor de Língua Portuguesa: um estudo à luz da Teoria da Atividade	Programa Interdisciplinar de Pós - graduação em Linguística Aplicada – UFRJ	Tese	2015
Henrique Bovo Lopes	A Gestão da formação do professor para o trabalho com as Tecnologias Digitais Móveis	Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem –PUC-SP	Dissertação	2014
Luciana Nunes Viter	Interação e engajamento em ambiente virtual de aprendizagem: um estudo de caso	Programa Interdisciplinar de Pós - graduação em Linguística Aplicada – UFRJ	Dissertação	2013
Bruna Scheiner Gomes Pimenta	Reconstrução da prática pedagógica em uma disciplina semipresencial: uma pesquisa-ação à luz da Teoria da Atividade	Programa Interdisciplinar de Pós - graduação em Linguística Aplicada – UFRJ	Dissertação	2013

Simone Carboni Garcia	Objetos de aprendizagem como artefatos mediadores da construção do conhecimento: um estudo com base na epistemologia histórico-cultural	Programa de Pós-Graduação em Letras - UCPEL	Tese	2011
Christiane Heemann	A formação de uma comunidade virtual de aprendizagem sob a perspectiva da teoria da atividade	Programa de Pós-Graduação em Letras - UCPEL	Tese	2010
Margarida Maria Calafate dos Santos	As novas tecnologias em projetos interdisciplinares na escola pública: um estudo à luz da Teoria da Atividade	Programa Interdisciplinar de Pós - graduação em Linguística Aplicada – UFRJ	Dissertação	2009
Ana Paula Martinho da Costa	Aprender a usar a Internet no ensino presencial de Inglês e de Espanhol – um estudo à luz da Teoria da Atividade	Programa Interdisciplinar de Pós - graduação em Linguística Aplicada – UFRJ	Dissertação	2006

Fonte: Elaborado para a pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A TA, que teve sua base em pesquisadores russos, vem se difundindo em contextos de pesquisas variados, tanto profissionais quanto educacionais; entre eles, destacamos a área de Linguística Aplicada com ênfase em compreender a linguagem e a ação humana em contextos de uso de tecnologia. A TA é utilizada por pesquisadores como uma lente teórica e abordagem filosófica que, ao considerar os elementos históricos e culturais da atividade, permite entender que diferentes formas de ação humana são mediadas por instrumentos. Com uma visão sócio-histórico-cultural que abrange todos os aspectos da atividade humana em um contexto, em uma comunidade, linguistas aplicados abordam questões importantes para uma maior compreensão desse uso e de seus impactos.

Neste artigo de revisão, apresentamos um breve histórico e abordamos as principais características desse sistema conceitual de análise que o faz relevante para entendermos a prática humana, tão cheia de complexidade em contextos de uso de tecnologia. Muitas pesquisas dessa área e com esse foco buscam investigar e entender como os sujeitos de uma dada comunidade podem se transformar e transformar suas comunidades com o uso de tecnologia, como ilustramos aqui.

O presente artigo está inserido no contexto de celebração do centenário da Revolução Socialista Soviética. Espera-se com ele destacar a contribuição dos pensadores russos para a transformação de paradigmas epistemológicos, conceituais e filosóficos que marcaram as áreas da Educação e Psicologia desde o século XX até o presente, dando ênfase à Teoria da Atividade.

REFERÊNCIAS

- COSTA, A. P. M. da. *Aprender a usar a Internet no ensino presencial de Inglês e de Espanhol – um estudo à luz da Teoria da Atividade*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.
- DANIELS, Harry. *Vygotsky e a Pedagogia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- ENGESTRÖM, Y. Innovate learning in work teams: analysing cycles of knowledge creation in practice. In: ENGESTRÖM, Y; MIETTINEN, R.; PUNAMAKI, R.L. (org.), *Perspectives on Activity Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- _____. *Activity theory and individual and social transformation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- GARCIA, S. C. *Objetos de aprendizagem como artefatos mediadores da construção do conhecimento: um estudo com base na epistemologia histórico-cultural*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, 2011.
- HAWI, M. M. *Sentidos da atividade de ensino de professores universitários: contribuições da Teoria da Atividade*. Tese de de Doutorado. Linguística Aplicada e estudos da linguagem. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2005.
- HEEMANN, C. *A formação de uma comunidade virtual de aprendizagem sob a perspectiva da teoria da atividade*. Tese de doutoramento. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, 2010.
- KAPTELININ, V.; NARDI, B.A. *Acting with Technology, Activity Theory and Interact Design*. Cambridge: The MIT Press, 2006.
- LEFFA, V. J. Aprendizagem mediada por computador à luz da Teoria da Atividade. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 3, n. 1, 2005, p. 21-30.
- LIBERALI, F.C. *Creative Chain in the process of becoming a whole. 7th International Vygotsky Memorial Conference*, Moscow, 2006.
- LIMA, S. da C. *Parcerias digitais e a formação do professor de Língua Portuguesa: um estudo à luz da Teoria da Atividade*. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.
- LOPES, H. B. *A Gestão da formação do professor para o trabalho com as Tecnologias Digitais Móveis*. Dissertação de Mestrado. Linguística Aplicada e estudos da linguagem. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2014.

- MATEUS, E. F. *Atividades de aprendizagem colaborativa e inovadora de professores: resignificando as fronteiras dos mundos universidade-escola*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Linguística Aplicada e estudos da linguagem. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2005.
- PIMENTA, B. S. G. *Reconstrução da prática pedagógica em uma disciplina semipresencial: uma pesquisa-ação à luz da Teoria da Atividade*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.
- RUSSEL, D. Looking Beyond the Interface: Activity Theory and Distributed Learning. In: LEA, M.; NICOLL, K. (org.) *Distributed Learning Social and Cultural Approaches to Practice*. Londres: Falmer Press, 2002, p 64-82.
- SANTOS, M. M. C. dos. *As novas tecnologias em projetos interdisciplinares na escola pública: um estudo à luz da Teoria da Atividade*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Rio de Janeiro. UFRJ, 2009.
- SCHETTINI, R. H. A Contribuição de Vygotsky para a Teoria Sócio-Histórico-Cultural. In: SCHETTINI, DAMIANOVIC, HAWI, SZUNDY (org.). *Vygotsky: Uma Revista no Início do Século XXI*. São Paulo: Andross, 2009.
- TAVARES, K.C.A. *Aprender a moderar lista de discussão - um estudo na perspectiva da Teoria da Atividade*. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2004.
- VITER, L. N. *Interação e engajamento em ambiente virtual de aprendizagem: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.